

## ADOLFO CASAIS MONTEIRO

(1928-1998)



Carlos Eurico da Costa nasceu em Viana do Castelo, em 1928, e morreu em Lisboa, em 1998, onde passou a maior parte da sua vida. Integrou o Grupo Surrealista Dissidente entre 1949 e 1952, período no qual a sua produção artística foi mais abundante, e assinou alguns textos e manifestos coletivos do movimento. Participou na primeira Exposição dos Surrealistas, em 1949, junto de nomes como Mário Cesariny, Henrique Risques Pereira, Artur do Cruzeiro Seixas, Pedro Oom, Fernando José Francisco, António Maria Lisboa, Fernando Alves dos Santos ou Mário-Henrique Leiria, e deste período ficaram célebres um vasto conjunto de *cadavres-exquis*, pinturas coletivas e desenhos automáticos onde predomina o fantástico e o estranho, e que atualmente integram a coleção do Centro Português do Surrealismo da Fundação Cupertino de Miranda, em Famalicão. Da sua obra de inspiração surrealista, e mais irreverente, destacam-se a série de ilustrações de *Grafoautografias* (1949) e a coletânea de *Sete Poemas da Solenidade e um Requiem* (1952), bem como *A Cidade de Palagüin*, publicada mais tarde, em 1979. Afasta-se do grupo em 1952 para se dedicar ao jornalismo, tendo colaborado em publicações da *Seara Nova*, *Árvore*, *Serpente*, *Diário de Notícias*, entre outras, para além de ter sido técnico de relações públicas e publicidade e crítico cinematográfico.

A partir dos anos '50, a poesia de Carlos Eurico da Costa sofre um processo de mutação e amadurecimento: *As Aventuras da Razão*, de 1965, marca a transição de uma produção ligada à descoberta do imaginário e experimentalismos linguísticos para uma poesia de carácter mais lúcido, assertivo e atento, norteadas por preocupações próximas de um programa neorrealista e por uma clara distinção do que é da ordem do real e do sonho. Mais tarde, em *A Fulminada Imagem*, de 1968, vemos que para o poeta o Homem e o mundo estão unidos na sua essência. Aqui, adota uma postura mais ética, bem como um discurso político que reflete sobre as injustiças da vida em sociedade e a desconsideração desta perante o trabalho do poeta, no sentido mais amplo. Subsistem, contudo, as flamejantes imagens de associações imprevistas que reivindicam a imposição da realidade poética sobre

ADOLFO CASAIS MONTEIRO

o real tal como o conhecemos.

Ao viajarmos por entre os poemas reunidos n'As *Aventuras da Razão* e *A Fulminada Imagem*, notamos a ausência de um pensamento concreto relativamente a temáticas e questões sobre a Europa, não tendo esta sido uma clara prioridade para o poeta. Contudo, o primeiro poema do livro de 1965 - e que lhe empresta o título - permite desde logo identificar um compromisso de cariz social e político através da alusão à Batalha do Marne, em setembro de 1914, durante a Primeira Guerra Mundial. «As Aventuras da Razão» é caracterizado por um forte fluxo narrativo e descritivo sobre a guerra, as condecorações que advêm das vitórias, a degradação física e moral que permeia todo o acontecimento e sobretudo a sombra da própria morte, no momento em que o sujeito poético se dirige a um dos intervenientes:

Soldado

Este ardor feito de espuma e cristais

O gatilho diluído nas mãos

A Europa à espera

Recordas a morte

Inglória e insuspeita

Num estertor metálico

De sólida retirada (Costa, 1965: 8).

Este excerto, à semelhança de quase todo o poema, constrói-se com base num discurso traumático que reage a experiências de excessiva violência alusivas. Refere-se a alguém que vive em estado de guerra e ilusoriamente alimenta a «antiga infusão de gerações», «fermentando a razão de romanos e gauleses» (*ibidem*). Na memória da Humanidade vive uma Europa marcada pelo trauma da guerra, ou, segundo o poeta, pelos «furores da ilusão» (*ibidem*) a ela associados. Este tema retorna no livro de 1968, no poema «Em Tuy», ao identificarmos a referência à Guerra Civil Espanhola e ao rasto de morte que deixou, bem como a lembrança de um «itinerário de dor» e do «eco das descargas» (1968: 5).

No prefácio de *Sete Poemas da Solenidade e um Requiem*, com o título «A volta do filho prólogo», Mário Cesariny alerta-nos desde logo para a «consciência plena - europeia e mais que isso porque é do homem» (Cesariny, 1952: 5) na poesia de Carlos Eurico da Costa,

ADOLFO CASAIS MONTEIRO

remetendo para um sólido entendimento da parte do poeta sobre a violência no mundo, a luta contra a obstinação, o conformismo do ser humano e a sua alienação em relação à própria passagem do tempo. No poema «I», o poeta afirma que vivemos «alheios da nossa validade» (Costa, 1952: 7), presos a tradições petrificadas no «banho de cinzas da nossa existência» (*ibidem*) em comunidade.

A poesia de Carlos Eurico da Costa cria um discurso de resistência, uma forma hermética de combate à violência política e social da época (tanto em contexto fascizante, como inserida numa Europa desgastada pela memória das guerras), mas também à própria mercantilização da sociedade, da poesia, das artes e das relações humanas. Apesar de não dirigir a sua atenção particularmente para o continente europeu, a posição assumida pelo poeta pode ser interpretada por meio do viés realista que a sua obra assume nos anos 1960; nem sempre chegamos a ver nitidamente os espaços aludidos nos poemas, mas há uma certa errância urbana, associada a uma experiência emocional de dimensão política e social. A dificuldade da poesia de Carlos Eurico da Costa passa também pelo confronto com uma linguagem metafórica, sublimada e requintada, um discurso lúcido, de expressão pouco visceral, que nem por isso deixa de emergir de um contrato realista resultante de uma vivência profunda das coisas, das emoções, das cidades e das sociedades. No primeiro poema de *A Fulminada Imagem*, «De viseira erguida», identificamos a ausência de um programa político na sua poesia, mas permanece uma preocupação com os minorizados e desprezados, um sentimento de empatia para com a condição humana:

Um homem empresta  
O que de homem em  
Si há ou houvera  
Porque para este  
Momento só macho  
Tanta humilhação  
Suportar pode  
Íntegro ou não  
Homem apenas

ADOLFO CASAIS MONTEIRO

Com tudo o que sua condição  
Obriga ou teme  
Fazendo da carne  
Um gemido de coragem (1968: 1).

A referência à Europa torna-se mais visível no poema «Colar de fogo», no momento em que o poeta descreve o «antigo continente de águas indomáveis» (*ibidem*: 28) como uma «conjugação de supliciados», remetendo mais uma vez para o sofrimento e a dor de um tempo de miséria e conflito.

Este conjunto de acontecimentos e circunstâncias históricas é recorrente na escrita de Carlos Eurico da Costa, e assume-se sobretudo tanto como um testemunho oriundo da necessidade de conservar a memória de conflitos bélicos do século XX, como uma prova de lucidez do poeta no momento em que alude ao rasto sanguíneo da Europa, transparecendo uma dura consciencialização da permanência de experiências traumáticas na memória cultural do mundo.

### **Lista de poemas sobre a Europa**

«Colar de Fogo», *A Fulminada Imagem* (1968)

«A labareda ascendente superando as auroras desvendadas», *Sete Poemas da Solenidade e Um Requiem*(1952)

«As aventuras da razão», *As Aventuras da Razão* (1965)

«A forma e o tempo», *As Aventuras da Razão* (1965)

ADOLFO CASAIS MONTEIRO

## **Antologia breve**

### **A execução**

Morres na manhã  
Crispado no teu ceptro  
De grades e ironias  
Morres com a tranquila dor  
De ver a nossa vida  
no cadinho da escória.

A tua luta  
É um memorial emplumado  
Inerte no nevoeiro dos paúis.  
Morres na manhã  
Para te esquecermos depois  
Cambaleando neste sono  
De suspiros sulfurosos  
Entre os laços do assalto  
Que nos vitima.

in *As Aventuras da Razão* (1965: 23)

### **Descoberta Atlântica**

1.

Sulca o iodado fluir do vento  
O clavicórdio do amanhecer longínquo  
Martelando a agonia insone e lenta  
Da nossa contemplação

ADOLFO CASAIS MONTEIRO

Nos cerros da terra gretada  
Aspiram a infame flora  
Com dor acre lentidão  
Como se fora densa  
Esta cortina de tempo alucinado  
Aqui vivido  
Gestão informe e diluente  
De portugueses a devorar silêncio

Erguidos ei-los  
Na sua panóplia de âncoras  
Arca que se dissolve em profunda água  
A mão trémula  
Grito que o gesto guarda  
No peito submetido

Armas que se cruzam e desfazem  
No granito com têmpera de idades  
Apostando o destino no fulvo  
Lento entardecer

(...)

in *A Fulminada Imagem* (1968: 23-25)

II

Os grandes barcos de granito azul avançam  
marcando a sua época  
No mar

ADOLFO CASAIS MONTEIRO

as velhas canções de música  
petrificadas por estrelas velocíssimas  
são a origem dos grandes ciclones  
(os jornais asseguram-nos a sua existência)  
e nestas montanhas conscientes da sua fragilidade  
os cegos rosados  
lutam no bar das estátuas mitológicas  
esgrimindo agilmente as facas

Hoje repousaremos na rua deserta  
os pequenos maquinismos de anulação do tempo  
bem firmes entre os dedos  
como anéis circunvalatórios  
até que um sulco de areia penetre o mar e tinja as águas  
e neste pequeno café da praia  
surjam outros homens indicando a fúria das ondas  
e dos rochedos que são a nossa maneira  
de descobrir veículos de amor

(...)

Creiamos  
Mas o frio desta geada de actos convenientes  
acorda a hora do universo  
a hora imperturbável de toda a fixação dos actos  
mesmo dos que esqueceremos  
quando os rios apagarem o sangue desta geração  
das palavras de medo que não pronunciaremos  
no banho de cinzas da nossa existência

in *Sete Poemas da Solenidade e um Requiem* (1952: 11-13).

### **Bibliografia ativa selecionada**

Costa, Carlos Eurico da (1952). *Sete Poemas da Solenidade e um Requiem*. Lisboa, Árvore.

— (1965). *Aventuras da Razão*. Lisboa, Livraria Morais.

— (1968). *A fulminada imagem*. Lisboa, Estampa.

— (2004). *Cadernos 3 - Carlos Eurico da Costa: poemas*. Vila Nova de Famalicão, Fundação Cupertino de Miranda.

### **Bibliografia passiva selecionada:**

Vasconcelos, Mário Cesariny de (1952), “A volta do filho prólogo”. Prefácio. *In*: Costa, Carlos Eurico da, *Sete Poemas da Solenidade e Um Requiem*. Lisboa, Árvore: 5.

Ana Isabel Santos

### **Como citar este verbete:**

SANTOS, Ana Isabel (2021), “Carlos Eurico da Costa”, in *A Europa face à Europa: poetas escrevem a Europa*. ISBN: 978-989-99999-1-6.

---

“ **CARLOS EURICO DA COSTA**

---